

GABINETE DE CURIOSIDADES

Poesia

Gilberto Schwartsmann



Editora Sulina

Copyright © Gilberto Schwartzmann, 2021
Capa: Humberto Nunes (Sobre imagem Frontispiece of Museum
Wormiani Historia – 1655)
Editoração: Niura Fernanda Souza
Revisão: Simone Ceré
Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

S399g Schwartzmann, Gilberto
 Gabinete de curiosidades / Gilberto Schwartzmann. –
 Porto Alegre: Sulina, 2021.
 175p. ; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-044-7

1. Literatura Brasileira – Poesia. 2. Poesia Brasileira.
I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-1
CDD: B869.4

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3110.9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2021

Para meu neto Daniel



À EXPERIÊNCIA HUMANA E A ESTÉTICA DO MARAVILHAMENTO

Rafael Bán Jacobsen

Logo no início da sua *Metafísica*, Aristóteles assevera que os homens, em todos os tempos, começaram a filosofar devido ao admirar-se, admirando inicialmente, entre as coisas surpreendentes, aquelas que estavam à mão, em seguida progredindo pouco a pouco e formulando impasses sobre problemas maiores, sobre as afecções da Lua, do Sol e dos astros, e sobre a geração do todo. Aqui, o estagirita chama a atenção para a natural inclinação humana pelo conhecimento, inclinação esta que é potencializada através do contato com itens da realidade que causem espanto. De fato, era esse o intuito dos “gabinetes de curiosidades”, tão populares até o século XVIII, lugares onde eram organizados e exibidos objetos raros ou estranhos coletados na natureza, além de artefatos destinados à exploração do mundo, como lunetas, astrolábios e equipamentos de laboratório. E esta é também a proposta deste livro de poemas de Gilberto Schwartzmann: em *Gabinete de curiosidades*, o autor reúne versos inquietantes, estrofes cheias de espanto e intensidade que brotam da experiência íntima e pessoal para expandir-se a dimensões cósmicas.

A palavra grega empregada pelo filósofo no já citado trecho da *Metafísica* – *thaumazein* – talvez deva ser traduzida por “maravilhamento”, o que conecta o espírito do pensamento aristotélico ainda mais diretamente com o desiderato dos gabinetes, também chamados de “salas de maravilhas”. Se, nessas coleções, o visitante podia con-

templar uma variedade de minerais, fósseis, plantas secas, esqueletos, animais empalhados e requintados instrumentos da técnica científica, aqui, neste livro, o leitor é convidado a percorrer toda a variedade da experiência humana, das memórias de infância às incertezas perante a certeza da morte, dos mais cândidos amores às paixões mais sanguíneas, da paz trazida pela poesia à indignação mais candente diante das injustiças, do particular ao universal. Gilberto Schwartsmann cria em palavras a sua própria “sala das maravilhas”, e os espécimes nela reunidos são tão variados em temática e estilo quanto eram os itens dos velhos gabinetes: neles, a diversidade era necessária pela ânsia de abarcar a integridade do mundo físico; nos poemas de Gilberto, a diversidade é um tributo às imensidões caleidoscópicas da psiquê humana.

A divisão da obra em cinco partes – “Lunetas e microscópios”, “Chifres de unicórnios”, “Globos terrestres”, “Objetos vindos das Índias” e “Conchas e outros objetos marinhos” – faz pressupor uma categorização bem delimitada de estilo, tom e temática; no entanto, a voz poética de Gilberto, profusa e polifônica, não se encaixa em estantes, vitrines ou nichos de escaninho: em cada uma das cinco partes, o leitor encontrará poemas líricos e outros mais virulentos, alguns intimistas e outros combativos, composições concisas e outras caudalosas, redondas pérolas e fragmentos de meteoritos, plumas de faisão e presas de marfim, tudo justaposto para incitar o mais genuíno maravilhamento.

Nessa multiplicidade de formas e conteúdos, a poesia de Gilberto resgata a vertiginosa impressão de desassossego que certamente vivenciaram aqueles que tiveram a oportunidade de percorrer o *cabinet de curiosités* de René-Antoine de Réaumur, que foi o maior da França, ou a

kunstammer de Olaus Wormius, que causava alvoroço na Dinamarca, o mesmo desassossego que nos invade quando contemplamos uma tela de Bosch ou Pieter Bruegel ou quando escutamos uma sonata dodecafônica: em todos os casos, a experiência é desconcertante e renovadora. Tal como preconizava Aristóteles, o eu poético aqui parte do que lhe é mais familiar – o sabor de uma torta que é receita de família, a memória do primeiro amor, a máquina fotográfica da adolescência – para então se desdobrar em espirais ascendentes que vão abarcar toda a grande herança cultural da humanidade, de Dante a Shostakovich, dos mitos gregos a Manoel de Barros. Desse modo, o autor vai tecendo a sua mitologia particular, baseada na multiplicidade e no ecletismo que são as sementes do maravilhamento. E essa estética – a estética do maravilhamento cultivada por Gilberto Schwartzmann no seu *Gabinete de curiosidades* – surpreende por ser, ao mesmo tempo, tão espantosa e tão próxima de cada um de nós. E assim é por ser poesia feita da mais pura matéria humana.



NOTA DO AUTOR

“Gabinete de Curiosidades” é o título do poema que abre e nomeia este livro. Os tais gabinetes, ou “Câmaras de Maravilhas”, surgiram na Europa nos séculos XVI e XVII. Eram locais em que coleções de objetos curiosos ou raros eram agrupadas e expostas. Eram mantidos por reis, príncipes, nobres, burgueses mais abastados e artistas.

Os Médicis, em Florença, tinham um “Gabinete de Curiosidades” maravilhoso. O Imperador Rodolpho, de Praga; o arquiduque Ferdinando, da Áustria; e o duque Alberto V, da Baviera, todos possuíam seus belos gabinetes.

No vasto gabinete do rei Frederico III, da Dinamarca, havia vários salões, classificados por assunto: medalhas, objetos vindos das Índias, maravilhas marinhas, insetos e serpentes, folhas, flores, sementes, grãos e frutas raras, e um reunindo aberrações da natureza.

Os gabinetes, contudo, não eram privilégio apenas da realeza ou da nobreza. Havia um médico de nome Pierre Borel, em Castres, por exemplo, que possuía um incrível gabinete, com objetos impressionantes. Todos eles tinham por intenção englobar o universo conhecido naqueles tempos.

Ainda que as categorias de objetos pudessem diferir, isso se devia muitas vezes à riqueza, posição social ou erudição de seus donos, bem como a especificidades geográficas, políticas ou ao gosto de cada um. Mas to-

dos tinham em comum o fato de representarem uma amostra do universo.

Eu sempre me impressionei com os monstros de duas cabeças, as múmias, as deformações que às vezes ocorriam em seres vivos e, mais do que tudo, a beleza dos chifres dos unicórnios. Um de meus primos adorava instrumentos científicos: microscópios, lunetas ou globos terrestres. Eu gosto também das coleções de globos terrestres!

Como a poesia, os “Gabinetes de Curiosidades” são representações do universo num espaço – ou texto. Como se fosse um mundo misterioso que desejamos conhecer, mas nos parece distante. Há poemas que são assim. Daí a razão de os gabinetes não esgotarem a diversidade do planeta e a imaginação dos poetas não ter limites.

Basta a presença de um espécime raro, ou uma nova oportunidade poética, para que neles – gabinetes ou poemas – o homem tente representar o que o imaginário possa alcançar. É por essa razão que eu chamei este livro de poesias de “Gabinete de Curiosidades”. Há nele muitas de minhas coleções imaginárias.

O interesse pelos “Gabinetes de Curiosidades” diminui, ao menos formalmente, a partir do final do século XVII, quando se inicia a crescente valorização da ciência e do método científico. Com a vinda dos grandes museus, eles ficaram restritos às instituições de ensino.

Eu lembro de um gabinete que havia em minha escola. Eu o temia e desejava-o ao mesmo tempo. Espiava-o da porta. É uma sensação parecida com a que

tenho com as palavras. A diferença é que decidi enfrentá-las. Neste “Gabinete de Curiosidades”, exponho alguns de meus espécimes mais exóticos.

G.S.